

CRUZ VERMELHA BRASILEIRA: UMA INSTITUIÇÃO HUMANITÁRIA ATUANTE NA EDUCAÇÃO DOS DEFICIENTES NA CIDADE DE PELOTAS-RS (1940-1949)

Rafael Santos da Rosa
Universidade Federal de Pelotas
rafaelsantosdarosa948@gmail.com

Esta investigação explora a contribuição da Cruz Vermelha Brasileira Filial de Pelotas em relação às práticas educativas em favor da educação de crianças com diferentes casos de deficiências no período de 1940 a 1949. E funciona como laboratório para futuros estudos sobre História da Educação e História das Instituições. Fazendo parte do meu projeto de Dissertação do curso de Mestrado em Educação, do Programa de Pós

As análises agregaram dados sobre o ensino de surdos e o conhecimento da origem da Escola Alfredo Dub, ainda dependente da estrutura física da Cruz Vermelha, quando esta ficava localizada na Rua Félix da Cunha, número 765, no Centro da cidade de Pelotas. Assim como, entender o cenário existente entre 1940 a 1949, com relação ao contexto social. Tendo como base e contextualização histórica, compreender que a sociedade pelotense estrategicamente desenvolveu movimentos em contribuição às casas assistenciais.

O estudo se valeu da análise documental e tem como objetivo geral apresentar a constituição de uma instituição educativa e filantrópica que foi fundada a partir da relação entre dois educadores. E como objetivos específicos: descrever e analisar fontes documentais que corroboram com o devido texto. A temporalidade balizada aplica-se por uma razão muito óbvia, pois foi nesse período que a fundadora da Escola Alfredo Dub, Maria de Lourdes Furtado Magalhães (19??-1977), iniciou seu trabalho na Cruz Vermelha e começou a viabilizar práticas pedagógicas dentro da instituição médica. Como perspectivas teórico-metodológicas adotamos a análise documental, um acervo constituído por 107 recortes de jornais locais, 242 imagens (fotografias), 41 documentos (convites,

cartas, textos) e 1 desenho (de uma aluna surda).

Atualmente há uma variedade de “projetos sobre história das instituições educativas, desde a inventariação e preservação de fontes, envolvendo estratégias de construção de identidade” (JÚNIOR, 2005, p. 97). Lembrando que, “o processo educativo envolve alteridade e um objeto (substância) a ser transmitido apropriado pelo sujeito – um produto cultural” (MAGALHÃES, 2004, p. 17). Por isso a importância da investigação de uma instituição filantrópica, como sendo resultado de um produto cultural em favor da educação dos excepcionais (terminologia dada as pessoas portadoras de deficiências nessa temporalidade aqui devidamente estudada) na década de 1940.

Em 1863, o suíço Jean Henry Dunant (1828-1910) criou a Cruz Vermelha (DUNANT, 2016), uma organização internacional que tem como prioridade socorrer vítimas de guerras, assim como prestar amparo a pessoas em vulnerabilidade social e, ou prejudicadas por desastres ambientais. No Brasil, a instituição foi fundada em 1908 pelo Dr. Joaquim de Oliveira Botelho (1827-1948) e por representantes do campo médico (PORTO; CAMPOS; OGUISSO, 2009). Historicamente foi reconhecida por seu compromisso ético e moral direcionado à assistência, por meio de ações de benevolência, caridade, benignidade e, logicamente, de filantropia. Assim almejamos uma reflexão sobre o ambiente do prédio da sede da Cruz Vermelha. É no interno desse espaço, na sua estrutura física, nos pequenos detalhes e memórias, que tentaremos apresentar como a instituição foi determinante para a educação de crianças surdas. Foi a manutenção de uma “aula” para alunos excepcionais que induziu uma mudança de paradigma na instituição Cruz Vermelha.

Temos conhecimento através de análises sobre a memória de uma visitadora sanitária que em meados da década de 1940 ao “percorrer residências no campo e na cidade, identificava pessoas de todas as idades com deficiência, isoladas do processo de ensino e aprendizagem” (BOHM, 2018, p. 22-34). Suas ações eram voltadas num processo de higienização, numa ação social e voluntária no tratamento de pacientes. A existência da escolinha mobilizou a sociedade no apoio e caridade por ação das suas patronesses – as chamadas “Damas da Sociedade”,

que se preocupavam com a saúde, educação e higienização das crianças excepcionais. Movimento que fez surgir outra representação dessa narrativa, o Professor Alfredo Dub (19??-1974), foniatra e audimetrista austríaco, radicado no Uruguai, da Clínica Otorrinolaringológica da Faculdade de Medicina e do Ministério da Saúde Pública do Uruguai, quando este veio a cidade de Pelotas convidado pela Associação Sul-Rio-Grandense de Professores, para ministrar um curso sobre “problemas de linguagem”. O evento aconteceu na sede da Cruz Vermelha em agosto de 1949, onde foram realizadas as demonstrações do trabalho do médico que chegou a América do Sul refugiado da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

[...] Dub era judío húngaro y oficiaba como traductor en Viena de los múltiples estudiantes que concurrían a esa Universidad para estudiar otorrinolaringología. En 1936 y 1937, Dub trabajó para Julio César Barani y le refirió su temor por las persecuciones políticas y raciales de los nazis hacia su persona. Barani le sugirió emigrar a Uruguay. En pocos meses, Dub hizo cursos acelerados de audiología y foniatría y llegó a Uruguay en 1938. En estas tierras se constituyó en el primer fonoaudiólogo de nuestro país (RIZZI, 2000, p.189).

A chegada de Alfredo Dub foi o marco para realização de outro processo de construção humanitária e educacional. As orientações do médico incitaram a fundação de uma escola especializada no atendimento de crianças com deficiências. O prédio da Cruz Vermelha apresentava na sua construção arquitetônica, a quantidade de nove ou mais janelas simétricas e grandes no segundo andar. No piso uma quantidade menor com três portas de entrada pela vista do ângulo em que analisamos uma fotografia do acervo da escola. Dos “dispositivos que constituem uma instituição educativa, chama à atenção a arquitetura, plantas, normas de construção dos prédios que influenciam no cenário de uma determinada cultura escolar” (OLIVEIRA; JÚNIOR, 2002, p. 75).

No dia 27 de setembro de 1949, foi fundada a Escola Professor Alfredo Dub,

sendo a primeira Instituição Especial para alunos com deficiência no Rio Grande do Sul. Permanecendo no período de 1949 a 1977 dentro da sede da Cruz Vermelha e transformando-se na conjuntura de clínica em escola especializada. A educação dos deficientes foi um esforço de institucionalizar e educar grupos estigmatizados por uma sociedade desigual. “No final do século XIX existiam duas vertentes que justificavam a segregação das pessoas com deficiência dos espaços sociais: a médico-pedagógica e a psicopedagógica” (JANNUZZI, 2006). A rejeição se dava pelo estereótipo e comportamento dos indivíduos que não condiziam com os ideais da sociedade.

Concluimos que esta pesquisa se faz relevante para futuros estudos no campo da educação. Seja nas informações retiradas de fontes, precisamente selecionadas para esta narrativa ou pelo próprio texto que contribui com o avanço de pesquisas na área da História das Instituições. A Cruz Vermelha foi na década de 1940 uma instituição humanitária que contribuiu para a educação de crianças, jovens e adultos deficientes. As fontes desempenham um papel significativo para a pesquisa historiográfica e preservam a memória daqueles que construíram a história de uma instituição.

1. Graduação em Educação (PPGE), da Linha de Pesquisa 1: Filosofia e História da Educação, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) **Palavras-chave:** História da Educação. História das Instituições. Educação de Surdos. Escola Especializada.

Referências:

BOHM, Fabiane Carvalho. **Multiplicação: ensinar e aprender em turmas de alunos surdos do Ensino Fundamental na Escola Especial Professor Alfredo Dub.** 2018.

DUNANT, Henry. **Lembrança de Solferino.** Comitê Internacional da Cruz Vermelha Genebra, Suíça: CICV, maio de 2016.

JANNUZZI, Gilberta de Martino. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI.** Editora Autores Associados. Campinas: Autores Associados, 2006.

JÚNIOR, Décio Gatti. **História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas - SP: Autores Associados, Uberlândia, MG: EDUFU, 2005.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos – História das Instituições Educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

OLIVEIRA, Lúcia Helena M. M. JÚNIOR, Décio Gatti. **História das Instituições Educativas: Um Novo Olhar Historiográfico**. Revista Cadernos de História da Educação - v. 1. - no. 1 - jan./dez. 2002 (p. 73-76)

PORTO, Fernando. CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. OGUISSO, Taka. **CRUZ VERMELHA BRASILEIRA (FILIAL SÃO PAULO) NA IMPRENSA (1916-1930)**. Esc Anna Nery Rev Enferm 2009 jul-set; 13 (3): 492-99.

RIZZI, Dr. Milton. **Historia de la enseñanza de la otorrinolaringología en Uruguay**. Rev Med Uruguay, Vol. 16 Nº 3, Diciembre 2000; 16: (p. 174-192).

O USO DE IMAGENS COMO FONTE HISTÓRICA PARA PESQUISAS EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Rafaela Limberger
UNISINOS
rafaelalimberger@edu.unisinos.br

Tainá Martins de Barros
UNISINOS
ttaimartins@hotmail.com

De acordo com Mauad (2011), se a imagem é testemunha de um acontecimento, suas decodificações e interpretações são possíveis de serem identificadas a partir de um investimento de sentido. A fotografia passa então ao status de pista, indício ou documento passível de produzir uma história. Nessa